



O Gaiato



Visado pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano VI—N.º 141
Preço 1\$00

Redacção, Administração e Proprietária — Casa do Gaiato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo
23 de Julho de 1949

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
Vales do Correio para CETE

CARTA DO BRASIL

Era duma vez eu no avião que faz carreira entre Porto e Lisboa. O dia estava bonito. Ao pé de mim ia um senhor com as mãos ocupadas num livro que folheava. Tinha feito aquela viagem muitas vezes, ao que parece, pois que a beleza do panorama não o interessava. Eu cá espreitava por decima dos ombros dele, avidamente, o que o levou a uma oferta generosa; quis trocar. E eu tomei o lugar dele, agradecido. O senhor fecha o livro e dirige-me a palavra. Começa por me dizer que eu devia estar muito magoado com a Empresa das Pedras Salgadas, por me terem fechado a porta um dia que por ali passei com intuito de pedir. Eu escutava, em silêncio; na verdade, nada tinha que dizer. Mas ele continua. Sem me dizer o nome, declara ser um dos directores da Empresa, e que tinha havido entre todos uma reunião, e remata por onde começara: *Você deve estar muito magoado com a Empresa das Pedras Salgadas.* Iamos sobre o Pinhal de Leiria; é um manto negro e espesso, riscado por estradas de areia. A seguir, vem a Praia da Nazaré e S. Martinho do Porto. *Muito magoado,* tornou o senhor a dizer-me, e eu nada lhe disse, porque na verdade não guardava dentro de mim o desgosto que ele supunha. Quando me foi dito que não, naquele dia eu apressei-me a sacudir a poeira dos meus sapatos à entrada do parque daquelas termas, e desandei, contente, para outras terras, falar a outras gentes que gostam de ouvir de como a nossa obra é. Talvez tenha sido aquele sacudir a poeira que causou na alma dos senhores da Empresa, a mágoa que eles cuidam existir na minha. Sacudir a poeira das sandálias por amor do evangelho, é dar testemunho de Cristo; ora este testemunho inquieta. Outros têm feito da mesma sorte, tenho sido mandado embora, algumas vezes, à porta de outras empresas, por impertinente. Eu faço na mesma. Ninguém me deve nada. Sacudo a poeira e caminho para a frente. Outros me chamarão. Outros quererão participar o prazer espiritual da nossa obra. Eis aqui o sentido da minha visita à Colónia Portuguesa do Rio de Janeiro.

Atravessi o mar sem saca nem bordão, tendo por companheiro o Zé Eduardo, que disse mal do mar entre Lisboa e a Madeira; mas depois e durante toda a viagem, foi um pimpão. Foi dele que eu ouvi, à saída, que a ilha é uma sementeira de casas, casinhas bonitas como ele disse. Nós tínhamos estado em terra, mas nem todos vimos igual; eu tinha ali estado há vinte e seis anos. Quanto se não tem feito na cidade do Funchal desde então! Isto não viu naturalmente o meu rapaz. Quis acompanhar-me todo o tempo que ali estive, um meu amigo doutro e de hoje. É um homem da minha idade, de tal forma escondido, que é necessário abrir bem os olhos para se dar fé dele, ainda que nos pareça conhecê-lo. O que este Homem não fez na Casa Blandy; na secção bancária da Casa Blandy, digo, durante aqueles vinte e seis anos! Eu posso comparar. Estávamos os dois no seu escritório, porta aberta para o grande público. Era uma bicha de gente constante e interessada; idades, sexos, tamanhos, línguas—um mundo! Não me contive que não tomasse o meu amigo por um braço e o trouxesse cá fora. Eu sabia como as coisas eram na data em que ele tomou conta. Eu podia comparar,

Apertei as minhas nas mãos dele, lancei a vista sobre a multidão e disse: *olhe o que você fez.* O meu amigo fita-me com um olhar triste; um olhar mesmo aborrecido: *não. Olhe que não. Não me parece que tenha sido eu.* Está certo. Dá certo. Este homem extraordinário não podia ter dito outra coisa. Nem ele teria jámais realizado aquela obra, se não pensasse como me disse. Os homens de letra maiúscula são todos assim. A sede constante de mais e melhor empequece aos seus olhos as obras que realizam.

O paquete estava marcado para as treze, e a essa hora saíu. A maneira que prosseguíamos na viagem, Zé Eduardo nota e vem-me dizer que o mar não tem sempre a mesma cara; ele tinha razão. Agora, era mais linda do que o fora entre Lisboa e o Funchal. Ao terceiro dia de viagem, tínhamos a ilha de S. Vicente pela proa. Oh desolação!

Era noite quando saímos do arquipélago depois de termos metido água e óleo. Vieram os dias cálidos da zona do equador. Zé Eduardo tornou a dizer mal da sua sorte. Não queria comer. Uma noite fugiu do beliche e deu-me trabalhos. Não se vê um barco. Não se vê terra. Não se topa um avião. Estamos em plena imensidade. Levamos uma data de emigrantes, gente da Madeira que sai da sua terra à procura da fortuna. Falam em quatrocentos deles, rapazes novos, mulheres e crianças. Não se esqueceram das violas, dos cavaquinhos, dos pandeiros, das castanhetas e dos cantares das aldeias. Se a geografia o não dissesse, quem quer, ao ouvi-los, diria imediatamente que estava ali Portugal. Eu nunca faltava às suas festas, de sabor tam semelhante



AQUI É O TOJAL

Atenção: Lá em cima stá o tiro-líro liro!

às da minha terra. Aqui vai uma bôa que ouvi e fixei:

*Eu já vi perder o jogo
Com ás e setes na mão.
Não há letrado sem erro,
Nem há linda sem senão.*

É a voz do povo; doutrina do povo; grandeza do povo. Tenho pena que estes homens não tenham de comer em suas terras e sejam obrigados a ir procurar noutras terras, enriquecendo os, o pão que lhes falta. Bem pudera a riqueza que eles levam, ficar na terra onde nasceram, a bem dum Portugal mais forte e mais saudável. Era noite escura quando passamos a Fernando Noronha, e neste momento temos a cidade da Baía pela proa. Dizem aqui a bordo que entramos e saímos de noite. Tenho pena. Zé Eduardo irá a terra procurar a Estação do Correio e fazer seguir esta primeira Carta do Brasil, que leva muitas saudades e muitas saudades e muitas saudades para tudo e todos quantos deixamos ficar.

De como o Zé Eduardo se tem portado

Vamos a uma pequenina crónica com sabor a isto é a Casa do Gaiato, tendo por matéria prima o Zé Eduardo. Chegados que fomos ao Rio, eu hospedei-me, como é sabido, no mosteiro de S. Bento e Zé Eduardo em casa de uma família amiga aonde tomava as refeições. Dias depois resolvi que ele comesse comigo aqui no Mosteiro e pernoitasse lá fora. Às 8 horas da manhã apresenta-se. Traz consigo o jornal do dia e traz igualmente equivalentes do *Diabrete* e do *Papagaio*, em que gasta largas horas, com sua preciosa leitura. Eu dito e ele escreve esta e outras crónicas. Também escreve as minhas cartas. Recebi ontem uma do Avelino. A primeira carta que recebi de Portugal foi do Avelino. Tão contente fiquei com ela, que imediatamente respondi a dizer que lhe havia de dar um fato no dia dos seus anos. Zé Eduardo depõe a caneta e não quer prosseguir sem que eu lhe dê um relógio. Ele quer em todo modo um relógio de pulso. Fez beicinho por ele.

Ao passar pelo Tojal, o Manel Pedreiro emprestou-me o seu; Manuel Pedreiro é tão amigo do Zé Eduardo que o fez com graves riscos de ficar sem ele. Gosto do Manel Pedreiro. Gosto destes rapazes pelo seu conceito de vida comum. Aqui há tempos, o Sérgio emprestou o seu fato novo a um rapaz que tinha sido e já não era da nossa obra. Emprestando, e seu antigo companheiro na hora marcada fez entrega dele.

Zé Eduardo sente-se mal com esta mudança de passar o dia no Mosteiro, sobretudo na hora das refeições. É no refeitório comum, juntamente com os monges. São as orações do ritual antes e depois da comida. É o silêncio. Zé Eduardo tem de estar quietinho e caladinho. Mais. É a leitura; o relato da vida de santos, quando Zé

Movimento do jornal

Era o Snr. Dr. Avelino que devia dar estas notícias, mas ele empurra sempre para mim. Eu também não tenho muito tempo, porque isto aqui é demais. Vêem tantas assinaturas novas, que nós não damos vencimento a copiar.

Um dia destes um senhor Brasileiro trouxe cem delas e ainda o Pai Américo não tinha lá chegado.

Ora suponham com a ida do Pai Américo, vinham do Brasil dez ou vinte mil assinantes. O que havia de ser de nós. Uma senhora da Covilhã mandou sessenta, e fora os postais e cartas que nos chegam todos os dias. Só na tipografia estão a imprimir oito planos. Cada plano tem duzentos e cinquenta assinantes. São portanto 2000 mil nomes que nós temos de copiar, enquanto os planos não vêm. Todos os dias nos chegam cartas a dizerem que não receberam o jornal. Nós mandamos logo. Tenham paciência! Olhem que são vinte e dois mil jornais que se imprimem e 15.000 os assinantes fora os caloteiros, para quem a gente dobra o jornal, corta a lista, cola, regista a ficha, manda a cobrança etc. somos só quatro rapazes a tratar disto.

Isto é o que os senhores assinantes dizem de nós, e nós que temos de dizer dos senhores?

Andamos sempre a pensar no modo de acaçar o dinheirinho. A primeira coisa foi mandar um papelinho dentro do jornal. Outras vezes pedimos ao Pai Américo para ele dar uma chagadela. Depois foi a ideia do cemitério ou canto. Tudo tem dado fiasco. Depois foi o traço vermelho. Alguns reagiram, a dizer que não gostam do vermelho, mas é que nem com ele, a maior parte se resolveu. Ainda estão aí 2.000 caloteiros a receberem à burla. Agora inventamos mais um estratagemma. Como a cobrança dá muito trabalho e despesa, vamos mandar uma circular a dizer quantos anos deve e a importância a mandar.

Os senhores podem mandar o vale de correio para Cete, ou deixam o dinheirinho nos depósitos de Lisboa, Porto ou Coimbra e pronto deixamo-los descansados para um ano. Enfim os assinantes chateiam-nos, mas nós também os temos de chatear.

Alguma coisinha se vai vendo. Hoje é o dia 30 de Junho, portanto chegamos ao meio do ano. O Avelino foi ver a conta no livro e viu que entraram até agora, a passar de duzentos e oitenta e cinco contos.

«Viva o Gaiato».

ALFREDO.

Eduardo gostaria mas é de ouvir o relato de futebol. Ele é do F. C. do Porto. Ele quereria ouvir do Araújo, do Barrigana e outros azes. Mais. Mais e pior: temos o salmo *Miserere*, que os monges entoam desde o refeitório à igreja, dois a dois, cabeça curvada, plangentes e fervorosos. Zé Eduardo e eu seguimos. A saída do coro, não há vez nenhuma que ele não me pergunte: *quando é que a gente vai embora?* Ora se a recitação deste salmo, breve e através dum claustro obrigado, assim enfada o rapaz, que dizer dos nossos pobres asilados que vão por cima de toda a folha e debaixo de todo o tempo, recitar o miserere nos enterros dos benfeitores—que dizer?

Há uns dois anos, alguém, deixou-nos em testamento alguns milhares de escudos; não era ainda conhecido o nosso propósito que exclue heranças. Uma irmandade de algures, testamenteira universal, costuma enviar à gente um convite de comparência, pelo aniversário. É um gesto piedoso e social. A nossa presença tomaria a mesma forma. Seria mesmo interessante que com um dos nossos padres, fosse uma dúzia dos nossos gaiatos. Dava nas vistas. A opinião pública está assim formada. Era bonito. Mas não. Eu peço humildemente licença a todos quantos me leem e escutam, de dizer que não. Nós somos uma casa de trabalho. Mal tive conhecimento dessa pequenina herança, sufragamos na nossa capela, em acto de comunidade, a alma de quem em vida se quis lembrar da obra. Isto fizemos e não temos tempo para cerimónias. Que ninguém me leve a mal estes caminhos divergentes.

Nós mandamos rapazes, sim, e vamos também com eles. São mensagens de vivos, a vivos. No dia onze de Junho, foi uma camionete de gaiatos a Braga, e no Teatro-Circo, espalharam alegria. Que pena não tive eu de partir para o Brasil dois dias antes! Soube aqui pela carta do Avelino, que o *Pombinha* a tocar castanhetas, foi o número máximo e todos os outros foram grandes. Sim. Nós somos uma obra viva para vivos. É preciso quebrar algemas, limpar teias de aranha, pregar Cristo ressuscitado e vivo, e realizá-lo nas obras sociais, tendo o cuidado supremo de O realizar também, cada um em si mesmo.

NOTA DA QUINZENA

Assim como da outra vez também agora se toma a *nota da quinzena* para de novo regressar ao assunto da viela. Viela com letra maiúscula; maiúscula a primeira letra, aqui, mas todas elas o são. Na Viela tudo é grande. Todos quantos lá operam ou cooperam, trabalham em profundidade sem darem conta disso. É o Mal. O mal tomado por necessário à vida. O mal discutido, acreditado e defendido. O mal nas alturas, daqui, o soletrar-se com maiúscula a palavra viela.

Eu vou contar um caso recente, que se deu na comunidade de uma das nossas casas. Uma vez que a Obra da Rua está posta sobre os montes e é pintada de branco, necessário se torna que todos a vejam com as suas qualidades, seus defeitos e seus perigos sociais. Ora aqui vai o que me aconteceu; me, a *mim*. Temos aqui um pronome reflexo; a acção do rapaz, no caso que vou contar, caiu totalmente sobre mim. Mais, caiu dentro de mim, e daqui nasce a espantosa eloquência destas *notas da quinzena*. É o sentir que dá a eloquência. Sabido é, que quem não escreve comovido, não comove.

Ele era pequenino quando nos veio lá ter. Começou por obrigações domésticas tam pequeninas como ele. Fez a 4.ª classe. Colocou-se no comércio em uma cidade. Trabalhava muito a seu contento e de seus anos. Mais contente do que todos—eu. O rapaz era uma esperança com sólidos fundamentos. Tinha já o seu pecúlio no haver dos nossos livros. Eu sei de muitos homens, hoje comerciantes honestos, que começaram a sua vida assim, e porque não este rapaz? Ele era uma esperança com sólidos fundamentos; esperança minha. Eu tinha-me afeito a ele; chamado pelo seu nome tantas e tantas vezes! É tão doce chamar por alguém com intenção recta e generosa! Mais doce ainda ouvir a resposta humilde do por quem chamamos! Eu tinha-me afeito a ele.

Vem o dia. O rapaz passa por ali. Porta aberta. Facilidades. Anos verdes. Que sim, que não... Entrou!

Foi chamado a capítulo. Quem cala consente e porque não podemos consentir, muito menos calar. É o bem de todos os nossos, que solicita estas atitudes decisivas. Nós não podemos em caso algum colorir o mal. O rapaz disse que sim. Estavam presentes todos os daquela nossa casa; era um tribunal aberto. Vem a sentença. Ele escuta e declara que a não cumpre. Determina governar-se pelos seus próprios meios e foi-se embora. Nunca mais o vi. Anda por lá outra vez!

Num instante se desmorona o que com tanto carinho se havia construído! É o mal tolerado, protegido, regulamentado. Sabemos que as chamadas leis, não querem de maneira nenhuma atingir estes fins, mas provocam-no. São responsáveis. A ocasião faz o ladrão.

A este, hão-de necessariamente seguir-se mais casos. Mesmo que outros dos nossos saibam este rapaz perdido, hão-de querer tentar os mesmos caminhos, só pelo gosto de verem como a vida é. As experiências não se transmitem; são do indivíduo. Muitos dos nossos, digo, hão-de pregar com estes seus feitos um Mal que compromete a vida e escapa à atenção dos homens. Peor; apresenta-se como um bem!

São assim as leis que os homens fazem, que discutem com parágrafos e alíneas e o mais que diz respeito à sua ignorância.

Ora o Decálogo não se discute. Quem o cumpre e ensina, é grande. Quem finge ignorá-lo, é mínimo. Grande ou mínimo, no sentido moral e eterno!

Sim; muitos dos nossos se hão-de perder; eu e os meus sucessores, havemos de ser testemunhas dolorosas. Nós não despedimos ninguém, já se vê, mas não lhes podemos dar todas as licenças. Se eles as tomam, tem de aceitar o castigo. Se o não fazem, riscam-se por isso mesmo da casa paterna e vão-se embora com a sua herança, e que herança! É a sanção.

Mas então, faliu a Obra da Rua? Não senhor. Ela assenta sobre verdades eternas. Então quê? São os *minimos*. São eles mai-los seus princípios de salvação pública; a preocupação do Efemero!

Colocada como está, dizia eu, sobre os montes, quereria que todos vissem os perigos da Obra e me ajudassem. Que vissem e compreendessem *este perigo*. Influência, palavra, autoridade, poder, simpatia, aflição; todos não somos de mais.

Que eu já tive uma ajuda heroica, extraordinária:—Aqui há tempos, um rapaz passa e entra. Mal o faz, alguém de dentro coloca-lhe as mãos sobre os ombros e impera materno: *Oh meu filho, vai-te embora!* E vem acompanhá-lo até à porta de saída! Chama-lhes o mundo perdidas. Mulheres perdidas! Eu cá digo que não. Muito



AQUI É MIRANDA!

A mansidão e a inocência!

Muito tem os homens a aprender das crianças e dos animais!

OUTRA CARTA

Quando aos nossos pequenos Gaiatos é sempre com imenso prazer que os vemos! E eles dão lições aos grandes...

É espantoso como V. Rosas do «lixo» conseguem fazer verdadeiras JOIAS!

No dia 27 vieram aqui almoçar o Serra, o Natalino, o «Rouxinol» e o Octavio.

Quando chegaram vieram ter comigo ao meu gabinete, como de costume, mas estranhei vê-los muitos animados e a quererem falar todos ao mesmo tempo. Como não conseguia perceber nada, dei a palavra ao «Rouxinol»—como era natural—e ele explicou-me então que a causa da indignação de ambos era porque num dos estabelecimentos do Estado onde costumam ir, lhes terem dito que havia desaparecido uma caneta e que era provável ter sido um deles o autor do... desaparecimento. E—veja minha Senhora, diziam ambos ao mesmo tempo—hoje quando lá fomos disseram-nos que já tinha aparecido a caneta!

Gostei tanto de ver a santa indignação deles—quando quem sabe quantas vezes antes de terem entrado para a Casa do Gaiato e de lhe terem feito compreender a distinção que ha entre o que é nosso e o que é dos outros, quantas vezes se teriam apropriado do que não era deles!

O Octavio vinha de fato novo, todo vaidoso e com uma bola que uma Senhora lhe havia dado.

Ao perguntarem-lhe porque não tinha vindo ha já algumas semanas almoçar conosco ria-se e calava-se... Quando insistiram com ele confessou então, um bocadinho envergonhado: «Estive de castigo porque não quis vender jornais nas igrejas».

Isto é sublime! Uma criança confessar a verdade com tanta singeleza—a verdade que o humilhava e a indignação dos outros que tinham sido acusados injustamente comoveram-me profundamente e mais uma vez fiquei convencida que V. Rosas tem um dom concedido por Deus de saberem lidar com as almas das crianças confirmando o que o nosso P. Américo tantas vezes tem dito: «Não ha rapazes maus».

Não calcula o bem que nos fazem os vossos Gaiatos! É uma rajada de AR PURO, de entusiasmo, de VIDA que entra nestes escritórios e se por acaso algum de nós está de mau humor por qualquer circunstancia, depois de alguns minutos de contacto com eles, esquecem-se os aborrecimentos ou as agruras que nos couberam por sorte e retomamos o «fardo» com mais paciência...

há-de o nosso Bom Deus perdoar a quem tanto sabe amar! Vai-te embora, meu filho.

É uma tutela natural; nasce-lhe no coração. Por se tratar de um menor, aquela mulher heroica, talhada para ser mãe, defende, grita, aflige-se, quere-lhe como se fôra seu filho. A perdida a dar lições! O mundo tem vergonha; sente-se diminuído de aprender dos a quem perde, e não escuta!

Demos por findada a nota da quinzena. Começada em Portugal e continuada na viagem ao Brasil, ela denuncia um perigo e é a voz de uma grande inquietação; valerá a pena construir?

A NOSSA TIPOGRAFIA

Já passa da meia noite. Estamos apenas dois a pé: o Maximiano na padaria a cozer o pão para logo, e eu aqui a ver passar a *sublime coluna*. Ele vai alimentar duzentas pessoas; eu espero alimentar, por segundos, o espírito sequioso de 22.000 mil leitores.

Durante o dia não larguei os dois mecânicos que trabalham activamente na montagem da máquina. É uma enorme *Planeta* alemã, de seis metros de comprimento.

Os visitantes tem agora mais um número novo nas oficinas a admirar. Logo que entram perguntam curiosos: quando é que «O Gaiato» começa a sair daqui? Melhor fez aquele sacerdote que, ao dar com os olhos nas rodas ainda desconjuntadas mete a mão à carteira: *graças a Deus que a nossa tipografia é uma realidade. Tome lá em acção de graças!*

A coluna afrouxou um pouco desta vez. A culpa foi só minha. Queria que os leitores avançassem depressa sem me recordar que fomos numa *procição*, lenta por natureza, da qual fazem parte, não os que nós queremos; mas somente aqueles que são tocados pelo *Espírito que sopra onde quer*.

Não tenho medo: a qualidade ao menos manteve-se à altura.

Começamos pelos doentes.

«Até que enfim tenho aqui na minha mão alguma coisa para lhe mandar: é uma notinha de cem. Pessoas de família e amigos quiseram dar-me a felicidade (a felicidade resume-se às vezes em tão pouco) de me confiar este dinheiro para eu também poder entrar na coluna dos 5.000. Não sou eu pois que contribuo porque não foi ganho pelo esforço do meu braço. Sou uma inválida. Há quase treze anos que passo a maior parte do dia numa cadeira de repouso. Mas não quero lamentar-me, não tenho o direito de o fazer. Tenho sido imensamente feliz apesar dos muitos momentos de desânimo e de algumas profundíssimas dores físicas e morais. Deus tem-me concedido a graça de saber encontrar a felicidade em pequeninas coisas... Uma das grandes dores da minha vida é não poder trabalhar, não poder ser útil. Padre, uma prece pela minha cura, para que eu possa ter a felicidade de poder trabalhar...»

Não rezo, não rezo nada. Não precisa de curar-se quem tão bem sabe sofrer. O mundo não compreende isto. Nós precisamos mais de quem sofre do que quem trabalha. O doente não é um peso morto — é um para-raios da justiça imanente. Foram as 16 horas da Paixão de Cristo que salvaram o mundo e não os seus 30 anos de actividade. Que ponham aqui os olhos tantos doentes que eu estou a ver agora no Hospital da Universidade de Coimbra, nos civis de Lisboa, Montachique, Guarda etc. Mas o trabalho também é redentor. Os trabalhadores não podiam faltar nesta coluna. A' frente a *Juventude* de Gondomar, com cotas pequeninas até prefazer 234.850. Esta modalidade é nova na coluna. Se encontrar terreno propício, temos meio mundo aos tostões para a nossa tipografia. Mais Alcanena: «não sou rica, mas vivo do meu trabalho. Acho ótima a ideia de pagar a tipografia antes da chegada do Sr. Padre Américo. — Cá vai a minha cota; que os leitores do *encantador* façam o mesmo».

Mais uma velhinha que se não contenta com rezar Padre nossos. «Com 77 anos mourejo todo o tempo para viver honestamente» e lá vem ela com os cam inteirinhos. Mais uma série de prestações, *fruto do trabalho e sacrificio*: Gaia; 2.ª de Tavira, 2.ª do Porto; 2.ª de Espinho 3.ª de Gaia de uma *pobre assinante*; «alguem» que vai por partes; Lisboa, até breve; 3.ª de Peniche; 4.ª do Seixal; 2.ª de Lisboa de um futuro professor; e meia razão de uma estudante, e outra meia da estudante finalista. Estas *meias razões* são igualmente fruto de sacrificio e dedicação. É uma *mãe de família* que atravessa grave situação financeira mas não quer deixar de fazer um sacrificio; é um chefe de família com dez pessoas à mesa, sem rendimentos próprios vivendo apenas do fruto do seu trabalho. E Vila Nova de Famalicão. E Ovar. Lisboa Central com 76.800 para ajuda e 25.800 das alunas das Escolas de João de Deus da Covilhã. Não podiam faltar os anjinhos desta vez! Dos noivos muito haveria que dizer: uns que choram, outros que se alegram, outros que quase desesperam. Este em acção de graças por não ter caído na esparrela, aquele choroso porque foi posto de parte e parece que antes queria ter caído de que sugar-se a uma viuvez prematura. Mas em todos, um nobre sentido da grandeza do Matrimónio, que se revela em notas altas como esta: «100.000 duas noivas que viveram o seu noivado lutando com Cristo Jesus e por isso pedem e esperam as bênçãos do Senhor para o seu lar onde *Ela* tem o primeiro lugar». Mais uma última prestação pela alma do meu noivo, e uma 2.ª por igual intenção, porque se ele fosse vivo não deixaria de a dar. Quando acabar a dêle começarei com a minha. É uma *rapariga portuguesa* que assina, e, porque portuguesa, *crisã*. Mais um minuto de silêncio em resposta a longa carta. O tempo e a luz divina, depois de apagada a paixão que cega hão de revelar-lhe

quanto são sábios os designios de Deus. Há noivos que vem aqui desobrigar-se. Faz gosto ve-los unidos em tão alto ideal. Mais contribuições voluntárias e heroicas. Cucujães. Sá da Bandeira. Newark Lourenço Marques. Lisboa, Cadima, uma mãe e dominicana, Porto. Era só para ir no próximo mês, mas, em vista do que vem no último número de «O Gaiato», resolvi mandar já. Lajes a valer por três. Febres, até que enfim! Mais dez placas de prata dum *assinante que não quer ficar de fora da coluna*. Há muitos que *vivem em larguesas bastante apertadas* e pedem lugar reservado na fileira. Outra vez Quinjenje. São dois irmãos anjinhos: cá em casa todos gostam da leitura de «O Gaiato» e dos nossos pequeninos mealheiros resolvemos também tirar a quantia de 100.000 para acorrer ao apelo e ingressar na Coluna dos cinco mil». Mais visitantes para dois parafusos, e visitantes para parafuso e meio e outro inteiro e mais outro.

Outra vez Lisboa, do M. da Economia, «com muitos pedidos de desculpa pelo atraso. Para compensar espero voltar a enfileirar brevemente, se Deus quiser». Quem assim fala é amigo. Eu preciso de desabafar com Amigos do Terreiro. Se há por ali arcos que são de triunfo, também há arcos de pipa que, por muito

apertarem, fazem doer. Mais um Amigo do M. das Colónias, ao serviço em L. Marques. Assim começa ele em 6 de Junho:

«Meu querido Amigo — Perdoe tratá-lo assim, mas a sua Obra é tão diferente, é tão plena de humanitarismo, que todos nós temos por dever considerá-lo um amigo são. Junto envio um cheque de mil escudos, produto duma subscrição aberta entre os meus colegas de trabalho. Não é muito, é bem pouco por sinal, mas espero dentro em breves dias, juntar um pouco mais a esse pouco». Mais outro assinante, de Fafe que lamenta vir tarde: «A vida, os encargos que ela nos traz, as muitas preocupações, insónias, arrelia, enfim um mar de incertezas na actualidade». E manda 250\$. Finalmente um especialista a valer por cinco, como quem paga uma consulta que lhe fez um dos nossos Rapazes.

É o Porto, sempre o Porto.

E agora somamos:

Atrazado	201.000\$
Hoje	5.000\$
	206.000\$

UMA PÁGINA DO EVANGELHO

O mundo não satisfaz ninguém. O abismo que ele cava na alma humana é insondável. A bolota da terra não é alimento dos filhos de Deus. Isto não é de agora. Sempre assim foi. O vazio levou o filho pródigo à casa paterna e foi o vazio também que levou o jovem rico do Evangelho a procurar o Mestre:

— Que hei-de eu fazer, para alcançar a vida eterna?

— Cumpre os mandamentos.

— Mas isso faço eu, desde a minha meninice.

— Então, se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, dá-o aos pobres, e segue-me.

Aquele Rapaz sentia a atracção do Infinito, mas vergou ao peso da riqueza. Queria voar, mas um forte laço o prendia. Perdeu-se o jovem, mas ficou a lição para servir de norma à Juventude heroica de todos os tempos.

Simão Pedro mais generoso ouviu o mesmo *segue-me* e logo largou barca, rede e família.

— Senhor deixamos tudo; que nos das em recompensa?

— Em verdade, em verdade vos digo: quem deixar os bens deste mundo para me seguir, receberá cem por um e a vida eterna.

Nenhuma página do Evangelho é mais ousada do que esta. Três Evangelistas a registam. Por ela se tem definido o rumo heroico de muitas vidas.

DOIS EXEMPLOS

Um da Idade Média

Havia na cidade de Assis um rico comerciante que tinha um filho idolatrado. Bem constituído, inteligente, hábil nos negócios, era a esperança, a glória de seu pai. Rico, bonito, folgazão era também idolo da mocidade de Assis.

Um dia entrou numa igreja e ouviu ler a fatídica página do Evangelho — *se queres...*

Deixou tudo, tudo, tudo!

Ficou pobre: desposou a irmã Pobreza. Tinha a Deus por Pai; Por Mãe a Rainha dos Anjos. O Sol, a lua, os passarinhos, os pobrezinhos eram os seus irmãos. Quando o viam passar pela rua, esfarrapado, corda à cinta, chamavam-lhe louco. Muitos porém, até de classes nobres, desataram a imitá-lo, vencidos pela mesma loucura... evangélica. Até hoje, o pobrezinho de Assis foi o mais fiel retrato do Mestre que não tinha onde reclinar a cabeça.



Outro do Século XX

Era um Rapaz também rico, folgazão, muito querido de quantos o conheciam. Com os seus trinta e tal anos e 17 de Africa, embarcava em L. Marques, com destino à Metrópole, em 1.ª classe. Acabava de firmar um contrato que lhe permitia viver à larga: Mil libras em ouro, mais mil de percentagem mínima nos rendimentos da empresa, mais cama, mesa, viagens, férias etc. tudo pago.

Vem passar alguns dias com a família. Depois despede-se. Iria fazer uma longa viagem à Austrália. Que não esperassem por ele tão depressa. Desapareceu. Ninguém mais soube dele. Morreu?

Sim. Morreu para... o mundo.

Passados tempos é ele que revela o seu esconderijo para pedir a um dos irmãos que vá a Lisboa rescindir o contrato e pagar a indemnização que lhe pedissem.

Exigiram 100 contos, que foram entregues honradamente. Cem contos custou este hábito... Os pobres sabem dizer o que foi feito do resto da fortuna.

Amortalhado nele, assim viveu Frei Américo, num conventinho de Espanha como apaixonado filho de Francisco de Assis, durante dois anos. Só os que a Providência quis... Depois...

Os dez, quinze, vinte mil contos (sabe-se lá) que lhe passaram pelas mãos, são confirmação clara, decisiva do *date et dabitur vobis*, dos tais *cem por um*.

Isto é a Casa do Gaiato

Uma carta do Sr. Padre Américo

Rio, 4 de Julho de 1949

Oh Avelino! Até me cortei!! Estava a fazer a barba quando entrou um monge no meu quarto, Zé Eduardo toma das mãos dele um envelope e grita a tua carta. Notícias da nossa aldeia. Cortei-me. Fiz sangue. E' a minha alegria. Em primeiro lugar as festas do S. Pedro. O deslumbramento da cascata. O repuxo! Eu já sabia que com o vosso P.º Adriano aí, este serviço da cascata tinha de ser maravilhoso. Ele é o Padre das bugangas; um grande bugangueiro. A distância a que nos encontramos não impediu que no dia 28 de Junho eu visse e ouvisse tudo quanto aí se passou. Tinha o relógio no pulso e adiantava a hora 4 horas, para ser mais exato.

Estou inteirado do Baldiário. Estou inteirado da tipografia. A tua carta, saída no dia 1, chegou aqui no dia 4! Ówala esta tenha a mesma sorte. De como as coisas por aqui nos vão correndo saberás pelo vosso P.º Adriano a quem escrevo regularmente. Tenho muitas saudades de todos; muitas, muitas, muitas! Se não fosse o Zé Eduardo, eu já tinha morrido. Quero encontrar aí, todos quantos aí deixei. Pede a todos os rapazes que se lembrem de nós nas suas orações. Nós precisamos muito destes vossos actos espirituais. Deus vê-nos. Deus vive. Deus quer ser invocado.

No dia 10 vamos a Petropolis. Do dia 18 a 22 estamos em S. Paulo. Escreve-me hoje mesmo a contar coisas da «nossa aldeia». Informa dos tres que estudam, Julio, Amadeu e Carlos. Gosto de saber o resultado dos seus trabalhos.

Na tua carta, não mencionas o Sarnesto. Pois menciona-o eu aqui, bem como o Semadureira, Sarlindo, Senunes, Segomes, Sejaquim, Sedias, Semiguel. Já temos os papagaios encomendados; vamos levar a cada um o seu... Saudades dos cozinheiros, dos refeiteiros, dos roupeiros, das oficinas, das casas, do campo, da erva e do Taquedinho.

Teu muito amigo
P.º Américo

DECORREU com muita alegria a festa de S. Pedro. A saída do refeitório, foi distribuído a cada um, bichas de rabiar e foguetes. Pela noite dentro, só se ouvia o estalar dos foguetes e das bichinhas. Estava quase acabada a festa, quando inesperadamente aparece avinda aoima um automóvel. A principio julgou-se tratar de alguma pessoa que viesse ver a nossa festa. Alguns dos nossos rapazes acercaram-se do carro e depararam com a senhora dos emblemas. Foi uma algazarra tremenda tanto mais que ela trazia bichinhas. Se das outras vezes ela é rodeada, desta vez nem se fala. Parecia que estava metida num mar de gente. A meia noite a passar tudo acabou. A senhora dos emblemas tinha trazido doze balões mas nenhum foi ao ar. Subiam alguns metros, para descerem todos a arder.

Antes de nos recolhermos às nossas casas assistimos à queima do último fêgo junto da nossa cascata. Dádiva generosa desta boa senhora que nos encheu a nossa cascata de bonecos. Quando acabou o fogo a que me referi, tudo foi para as suas camas repousar as boras perdidas de regosijo.

UMA porca teve 16 hacorinhos e, como só tem uma dúzia de «biquinhos» ou biberões, houve necessidade de arranjar ama para 4.

ANDAVAM, aí pelo dia 1, certos casos de cólicas intestinais. Espalhou-se pânico na Aldeia, mas o Chan-Kai-Shek pôs termo a todas as aflições, quando na sua voz de barítono, disse:—Ninguém se atrapalhe; são os do exame. Como todos os rapazes ficaram bem no exame, foi ordenado que, aos novos doutores, fosse servido um copo de água, com outro sentido é claro: doces, bolachas persas, vinho fino, etc, a fim de fazer normalizar os órgãos afectados.

O Bucha, sim o nosso conhecido Bucha continua a aumentar as folhas do seu registo criminal e, se isto prosseguir, será preciso mandá-las encadernar.

Ora como ia dizendo, o tribunal tem funcionado em sessão permanente,

por causa do famoso Bucha: Ele é nos figos verdes, é nas peras, e nas ameixas é... dinheiro dos visitantes que o gasta em deliciosos bôlos, enfim... nem aparece às refeições... As sentenças que se lhe tem feito são variadíssimas por variadas serem as faltas; o réu, impassível até a um certo ponto, estremeceu dos pés à cabeça, quando o juiz, depois de uma tósse preambular, sentenciou que o acusado deixaria o cargo de cicerone. Uma falca que caísse num carvalho não produziria tanto efeito.

OUTRA vez o Bucha. Soma e segue. Agora partiu um vidro no Hospital; outro na casa 2, e estalou um terceiro. Pois o castigo foi muito bem aplicado. E é que enquanto lhe lembrar, nunca mais torna a quebrar vidros: foi condenado a dormir um dia inteiro na rouparia. Serviu-lhe de exemplo: é que quando acordou, viu-se grego para arrastar uns quilos do sebo que o sono acrescentou ao seu já bom físico.

Prometeu emendar-se e, desta vez, deve cumprir a promessa.

Alfredo.

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

Gaiatos Novos A última vez que disse quantos éramos, falei em 50, hoje, acrescento mais 11, isto é, somos 61 gaiatos certinhos.

Já aqui no Famoso, foi contada a história dalguns deles, sendo a última a dos três irmãos que vieram do Albergue da Mitra.

O Carlota, de Coruche, nunca mais voltou, mas, em lugar dele vieram 2 quase patrícios, que estavam presos. Veio cá um polícia trazê-los, porque os pais estavam presos e eles também. Como não tinham culpa, eles não deviam estar na cadeia e como não tinham casa, tinham de ir para algum sítio. E vieram para a nossa casa.

Um outro que veio foi da seguinte maneira: um senhor meteu-o

na camionete em Lisboa e ele cá apareceu, sem saber como.

Cheio de vergonha, nem queria entrar. Ficou à porta a chorar. Depois, quando o fizeram entrar, começou a chorar mais e a pedir que o deixassem entrar, porque não tinha ninguém. Nunca conheceu o pai, e a mãe está no hospital.

Não sabemos o que é que ele tem. Anda sempre triste. Quando a gente lhe pergunta se quer ir embora diz sempre que não. Chama-se João é de Atougua da Baleia.

O Casal Agrícola As paredes do Casal, já estão à altura de um metro, e estariam a mais se houvesse água com fartura.

Os trabalhadores do campo querem a água para regar as couves e para as nabijas; o mestre das obras quer água para o casal; os cozinheiros, querem-na para lavar as panelas e o povo de lá de fora reclama-a para as suas casas. Ora, uma coisa boa para remediar isto tudo, era fazer um furo artesiano que desse água com fartura, que chegasse para as obras, para a cozinha, e lá para fora. Isto tudo era muito bom, mas o pior, é que a falta de massa é muita!

Cenas da nossa Casa 1—O Octávio, aqui há um mês, disse para a senhora professora: Já sei tabuada toda. A senhora professora, depois de ouvir muitos enganos, perguntou-lhe: Quantos são 3 vezes 10?—São quarenta.—Não são, disse a senhora professora. Ele depois de pensar algum tempo, disse outra vez: A senhora professora desculpe, mas não estará enganada?—3 vezes 10 não são quarenta?!...

2—O José Maria andava a varrer uma das salas novas quando apareceu um vidro partido. Ele para se desculpar, falou desta maneira ao Setúbal: O Setúbal, eu andava a varrer a sala da pregação, veio um relâmpago, que me fez perder os sentidos e até fiquei sem fala!...

A primeira mentira era ele dizer que estava sem fala e ia falando; a segunda é que tinha perdido os sentidos e estava ali de pé. E a terceira foi dar ao relâmpago as culpas de partir o vidro, tendo sido ele.

3—Quando estávamos na Catequese, perguntaram ao Careca se ele já sabia as Obras de Miseri-rícordia. Ele disse que sim e começou logo a dizê-las: 1.ª dar de comer a quem tem fome; 2.ª dar de beber a quem tem sede; 3.ª vestir os nus e 4.ª dar pousada aos piriqitos.

João Pedro

Notícias de Coimbra

1 No dia 19 do mês passado realizou-se no Estádio Municipal desta cidade, um desafio de futebol entre as duas equipas de Coimbra e do Porto. Como tínhamos o desejo de o ir ver, dirigimo-nos à sede da A. Académica afim de pedirmos se podíamos entrar no campo.

Os rapazes desta digníssima direcção disseram-nos que de bom grado nos atendiam, mas que o caso era com a Associação de futebol de Coimbra. Lá fomos, convencidos de que seríamos atendidos, mas quando lá chegamos os senhores desta Associação disseram-nos que não. Claro que ficamos muito tristes ao ouvir esta resposta, porquanto as generosas cidades do Porto, de Lisboa e de Braga dão entrada aonde os rapazes da Casa do Gaiato querem.

2 Já cá veio mais um rapaz que se chama Victor João—natural de Montes Claros. Mal chegou foi logo baptizado com o nome de «O Pestaninha»; quando veio começaram as ferradelas ou mordedu-

ras, e agora quando alguém lhe olha pelo seu apelido diz que vai dizer ao pai, que é polícia!?

3 Já cá temos bons jogadores, e como não temos cá bola nem equipas, vamos a Miranda passar alguns domingos.

E' só para jogar a bola que a gente lá vai.

Um senhor do Porto já nos prometeu uma bola, mas até é natural que se tenha esquecido, equipas já nem falo, se não posso-me engasgar, pois todas as casas têm só nós é que não temos, campo fazem o favor de o emprestar os senhores da direcção do «União de Coimbra».

Por isso damos um viva ao «União de Coimbra».

4 Não esqueçam os senhores do Porto, de Lisboa, e de mais algumas partes do País que quando passarem por Coimbra não deixem de ir visitar a nossa casa, que fica exposta na Cumeada, ao lado da G. N. R. de Coimbra. Se não quize-

rem ir visitá-la, e que queiram, dar alguma dádiva dirijam-se à Casa «Porfirio Delgado» que é o meu emprego—e podem lá deixar o que quiserem.

5 Aqui atrás não fazíamos notícias desta, e quando as fazíamos eramos os do resto, que nunca chegávamos a tempo, agora já não acontece o mesmo pois agora sei eu que somos os primeiros, porque cada um se encarrega de a fazer na sua semana.

6 O Inácio teve cá o seu grande amigo Caiado e teve a honra de o ir cumprimentar e quase às despedidas Caiado pergunta ao Inácio se ele se dava bem cá em Coimbra e eis a resposta pronta: Se me não dou bem é com os académicos, pois estes é que lhe fazem perder o juízo. Até aqui Inácio nunca desanimou, pois ele é «marteloni».

O Crónista
ERNESTO PINTO